

MESTRADO
PSICOLOGIA

Literacia Reprodutiva através do Jogo Sério: perceções de adolescentes, pais e professores

Luísa Isabel Santos Pereira

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**LITERACIA REPRODUTIVA ATRAVÉS DO JOGO SÉRIO: PERCEÇÕES DE
ADOLESCENTES, PAIS E PROFESSORES**

Luísa Isabel Santos Pereira

Junho de 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pela Professora Doutora ***Mariana Veloso Martins***
(FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À professora Mariana Veloso Martins, pela orientação, paciência e ajuda.

Aos participantes deste estudo, pela disponibilidade e partilha.

À minha mãe, por todo o apoio.

Ao Manel, por ser o melhor irmão do mundo (e por todas as dores de cabeça).

A todos os amigos que fiz nesta casa ao longo deste 5 anos. Em especial, à Irina e à Marisa, por terem sido o meu porto seguro, por todos os momentos em que me fizeram chorar de tanto rir e por me darem sempre a mão em tudo. Fizeram tudo ser mais fácil.

Ao Fábio, por não deixar a minha vontade de fazer e ser sempre mais morrer. Por ser o meu pilar e a minha maior fonte de apoio. Um obrigada nunca vai ser suficiente.

Resumo

A educação sexual (ES) em Portugal, concentra a sua abordagem na prevenção de gravidezes indesejadas, métodos contraceptivos e prevenção de infeções sexualmente transmissíveis (IST's), deixando de lado o planeamento familiar. A educação para a fertilidade facilita a tomada de decisão consciente e previne comportamentos de risco que a comprometam.

Assim, com este estudo, pretendemos analisar as perceções dos adolescentes face ao jogo sério *FActs!*, desenvolvido pela *Fertility Europe*, enquanto potenciador de conhecimento sobre saúde reprodutiva (SR) e facilitador comunicacional destas questões. Simultaneamente, procuramos perceber as vivências e opiniões dos principais agentes educativos, pais e professores, com o jogo, analisando a sua aceitabilidade, usabilidade e satisfação com o mesmo.

Recolheu-se uma amostra total de 29 participantes (12 adolescentes, 10 pais e 7 professores do ensino secundário). Realizaram-se 8 grupos focais e os dados foram analisados qualitativamente através da análise temática. Emergiram 3 grandes temas: nível de literacia, vivências e motivação para a aquisição de conhecimento.

Evidenciou-se o baixo nível de literacia dos adolescentes, pais e professores. Os adolescentes mostraram interesse numa maior abordagem da SR. O *FActs!*, evidenciou-se como uma ferramenta pedagógica interessante na abordagem à temática.

Este estudo cria oportunidades para intervenções onde esse tipo de ferramenta pode ser utilizado, bem como evidencia a necessidade da inclusão da educação para a fertilidade no currículo da ES.

Palavras-chave: Educação Sexual, Saúde Reprodutiva, Educação para a Fertilidade, Jogos Sérios

Abstract

Sex education in Portugal has focused on the prevention of unwanted pregnancies, contraceptive methods, and the prevention of sexually transmitted infections, leaving aside family planning. Fertility education facilitates informed decision-making and prevents risky behaviours that compromises fertility.

In this study, we aimed to analyse adolescents' perceptions and experiences on the serious game *FActs!*, developed by *Fertility Europe*, as an enabler of knowledge about reproductive health and a facilitator of communication on these issues. At the same time, by analysing the acceptability, usability and satisfaction of the game, we tried to understand the experiences and opinions of the main educational agents, parents and teachers.

We collected a total sample of 29 participants (12 adolescents, 10 parents and 7 secondary school teachers). Eight focus groups were held, and the data was analysed qualitatively using thematic analysis. Three main themes emerged: level of literacy, experiences and motivation to acquire knowledge.

Low levels of reproductive literacy among adolescents, parents and teachers were evident. Also, adolescents showed an interest in taking a more comprehensive approach to reproductive health and *FActs!* was found to be an interesting educational tool for addressing reproductive health.

This study creates opportunities for interventions where this type of tool can be used, as well as highlighting the need to include fertility education in the sex education curriculum.

Keywords: Sexual Education, Reproductive Health, Fertility Education, Serious Games

Lista de Abreviaturas

ES – Educação sexual

SR – Saúde reprodutiva

LR – Literacia reprodutiva

ISTs – Infecções sexualmente transmissíveis

1. Introdução

1.1 A importância da educação sexual

A sexualidade faz parte do desenvolvimento do ser humano, apresentando componentes biológicas, psicológicas e sociais (Maia & Ribeiro, 2011), revelando-se uma dimensão fundamental da estrutura do indivíduo. Expressa-se através das práticas, pensamentos, desejos centrados na afetividade, no prazer e na esfera sentimental (Ramiro, 2013).

Os principais transmissores de informação acerca da sexualidade são as escolas e as famílias, evidenciando-se duas formas de implementação da educação sexual (ES): a formal – práticas educativas intencionais acerca desta temática – e a informal, onde esta intencionalidade não se configura (Figueiró, 2020).

A ES, ministrada antes da idade mínima para deixar a escola é a forma de comunicação mais eficaz, visando os adolescentes (Abraham & Wight, 1996). Assim, a escola é um meio privilegiado para abordar estas questões, devido ao seu ambiente educacional e favorecer o contato com pares, de onde frequentemente se extrai conhecimento através das trocas comunicacionais. (Nodin, 2001, as cited in Reis & Matos, 2009). Ao mesmo tempo, a ES permite a sua promoção no seio familiar (M.E, 2005, as cited in Ramiro & Matos, 2008).

Diversos programas visam prevenir comportamentos sexuais de risco, promovendo informação sobre sexualidade, comportamentos de risco e formas de prevenção (Bay-Cheng, 2003), sendo a educação sexual crucial nesse contexto. Além disso, a educação sexual é fundamental na definição e construção da identidade e do desenvolvimento sexual dos adolescentes (Bay-Cheng, 2003). Portanto, o maior investimento nessas questões deve-se ao facto da adolescência ser um período de maior risco para o desenvolvimento de crenças erróneas, que podem levar a atitudes e comportamentos disfuncionais em relação à saúde sexual e reprodutiva (SR), como a disseminação de infeções sexualmente transmissíveis (IST's) (Eryılmaz et al., 2021).

Apesar do amplo reconhecimento da importância da ES, existe alguma controvérsia quando à necessidade dos adolescentes serem educados para a sexualidade (Me, 2003; Shtarkshall et al., 2007). As ideias subjacentes a esta contenda ideológica prendem-se com desacordos face ao papel do governo na família, nas suas decisões e na forma como a ES é

abordada (e.g. ausência de controlo parental sobre os conteúdos abordados) (Rocha, 2015; Shtarkshall et al., 2007).

1.2. Educação para a Fertilidade

A fertilidade, consiste na capacidade conceber uma gravidez clínica (Zegers-Hochschild et al., 2017). Já a infertilidade traduz-se numa condição médica, onde a capacidade reprodutiva se encontra afetada, não sendo possível concretizar uma gravidez após 12 meses de relações sexuais regulares desprotegidas (Zegers-Hochschild et al., 2017).

A Organização Mundial de Saúde (2023) constatou que, a nível global, um em cada seis adultos experiencia infertilidade. Assim, têm-se identificado fatores de risco como o avançar da idade, associada à qualidade e quantidade dos ovócitos e do esperma e a outras complicações de saúde (e.g. abortos espontâneos, anomalias genéticas); peso; consumo de substâncias psicoativas; stress e ISTs (Bunting & Boivin, 2008; Johnson et al., 2015). Em Portugal, a idade média da mãe aquando do nascimento do primeiro filho foi de 30.8 anos em 2022, porém em 1990 era de 24.7 anos (Pordata, 2023). Refletindo-se o progressivo adiamento na conceção da gravidez, motivado por questões sociais, económicas e pessoais, mas também parece estar relacionada com a falta de conhecimento acerca do ciclo reprodutivo (Daniluk & Koert 2015; Petraglia et al., 2013).

Neste sentido, a educação para a fertilidade poderá ter um papel importante, fomentando a consciencialização e conhecimento acerca destas questões, bem como das técnicas de reprodução medicamente assistida, que permitem que diferentes configurações familiares (e.g. famílias monoparentais, casais homossexuais, casais com a condição de infertilidade) abracem o projeto da parentalidade (Kuhnt & Passet-Wittig, 2022). Ao mesmo tempo, o conhecimento destas questões é essencial para a identificação de fatores de risco, adoção de cuidados relativos à fertilidade e para a iniciação de tratamentos, prevenindo atrasos na procura de ajuda face a complicações na conceção (Bunting & Boivin, 2007, McCarey et al., 2021). Ao mesmo tempo, o conhecimento destas questões é essencial para a identificação de fatores de risco, adoção de cuidados relativos à fertilidade e para a iniciação de tratamentos, prevenindo atrasos na procura de ajuda face a complicações na conceção (Bunting & Boivin, 2007, McCarey et al., 2021). Contudo, a população em geral apresenta conhecimentos insuficientes sobre fertilidade (Bunting & Boivin, 2008; Garcia et al., 2016; Maeda et al., 2016), especialmente a faixa etária dos adolescentes (Boivin et al., 2019; García et al., 2016; Maeda et al., 2016). Exemplo disto

passa pela sobrestimação das taxas de sucesso das técnicas de reprodução assistida (Lampic et al., 2006; Skoog Svanberg et al., 2006), e pela adoção de estilos de vida que se refletem em altas taxas de obesidade, uso de álcool, tabaco (Moos et al., 2008), bem como na prática de atividade sexual desprotegida (Unemo et al., 2017). Apesar do baixo nível de literacia reprodutiva (LR) da população, Conceição e colaboradores (2017), reportaram que cerca de 90% dos jovens da amostra pretendiam ser pais.

Assim, a *fertility awareness* engloba o nível de conhecimento no que concerne à reprodução, fecundidade, fecundabilidade, fatores de risco, e fatores sociais e culturais que afetam as opções de planeamento familiar (Zegers-Hochschild et al., 2017).

Em Portugal, denota-se ausência ou pouca presença da educação sobre fertilidade nos programas de educação sexual/afetos, assentando as principais intervenções em ações de prevenção face a ISTs, gravidezes indesejadas e métodos contraceptivos. Esta abordagem, concentra-se essencialmente na prevenção de gravidezes, e não numa narrativa onde o planeamento está presente (Littleton 2012). Contudo, a discussão de problemas e comportamentos que possam impactar a fertilidade, no início da idade fértil, tem predito melhores resultados (Kudesia et al., 2017; Maslowski et al., 2022). Pelo que, tem sido defendido que a fertilidade deveria estar na agenda da ES (Maslowski et al., 2022; Nargund, 2015;).

A identificação das lacunas de conhecimento dos adolescentes, permite que seja possível o desenvolvimento de um currículo de ES e de fertilidade amplo e adequado às suas necessidades dos adolescentes (Maslowski et al., 2022), que reconhecem precisarem de informação relativa à SR e demonstram interesse quando confrontados com a mesma (Ekstrand et al., 2018). Não existindo acesso a esta educação, torna-se natural que os adolescentes tenham dúvidas relativamente à altura ideal de conceção de uma gravidez ou aos riscos associados a gravidezes na adolescência/idades avançadas (Kudesia et al., 2017). Pelo que, o confronto com esta informação e dificuldades na conceção podem causar espanto e surpresa (Nargund, 2015).

Tem-se evidenciado o aumento imediato de conhecimento após a participação em intervenções que visavam a transmissão de informação sobre SR (Boivin et al., 2018; Daniluk & Koert, 2015; Maeda et al., 2016; Wojcieszek & Thompson, 2013). Contudo, o providenciar de informação e a alteração de atitudes e comportamentos não assenta, por vezes, numa associação direta (Maeda et al., 2018; Wojcieszek & Thompson, 2013).

Ademais, apesar do aumento de conhecimento que a educação sobre fertilidade permite, denota-se que poderá provocar o aumento/intensificação de emoções negativas, como a ansiedade e o medo (Boivin et al., 2018; Maeda et al., 2016; Pedro et al., 2020).

1.4. A educação sexual em Portugal

Portugal tem concebido alguma importância à ES. Exemplo disto passa pela existência de legislação que exige que seja implementada nas instituições de ensino. Esta legislação prevê que alunos do 1º e 2º ciclo disponham de 6h de ES, enquanto alunos do 3º ciclo e secundário disponham de 12h (Lei nº 90/2009, 2009).

Como entrave a uma implementação efetiva, surge a baixa e adequada formação dos professores (Rocha & Duarte, 2016). Porém, alguns professores têm vindo a reconhecer possuírem conhecimentos teóricos para a abordagem destas temáticas, contudo não se sentem confortáveis o suficiente para o fazer (Serrão & Barbosa, 2006). Também, pais e associações representativas, têm apresentado baixas taxas de participação ativa nesta matéria (Rocha, 2015).

Neste sentido, os adolescentes portugueses reportam alguma exaustão na forma e tipo de abordagem da ES, evidenciando-se um carácter repetitivo da abordagem (Matos et al., 2014), à semelhança do que se denota noutros países, como é exemplo o Chipre (Lesta et al., 2008). Coloca-se, então, em debate a necessidade de rejuvenescer as práticas da ES (Matos et al., 2014; Rocha, 2015).

1.5 O papel dos pais

O contexto familiar é o espaço privilegiado para a difusão de crenças, valores, atitudes, preconceitos face à sexualidade e afetividade (GTES, 2007; Rocha & Duarte, 2011, as cited in Vieira, 2021; Tavares, 2015). Pelo que a transmissão de perceções e conhecimentos pode influenciar, de forma negativa ou positiva, o comportamento sexual dos adolescentes (DiClemente et al., 2001). Constata-se, assim, a importância de uma atitude parental positiva face à sexualidade (Meschke et al., 2002).

Neste sentido, a inclusão dos pais em programas, onde se visa a redução de comportamentos de risco e o aumento de conhecimento acerca destas questões é fulcral (Dinaj-Koci et al., 2015), tendo-se notabilizado o insuficiente de conhecimento sobre saúde sexual por parte destes agentes (Eryilmaz et al., 2021).

Também, nos últimos anos, os pais começaram-se a deparar, involuntariamente, no seu sistema familiar com mensagens acerca da sexualidade e da saúde sexual transmitidas por

outros agentes (e.g. televisão, internet), o que poderá ter alterado as dinâmicas deste contexto (Vilar & Ferreira 2008).

1.6. Jogos sérios: Novas temáticas pedagógicas

A presença dos *media* (e.g. internet, jogos), e o seu consumo por parte dos adolescentes têm aumentado. Estes meios funcionam como fontes de entretenimento e também como canais para obter informações sobre saúde (Prinstein et al., 2020).

Em Portugal, em 2021, na faixa etária dos 16-24 anos, denotou-se uma taxa de utilização da internet de 99.7% (Pordata, 2022). Em 2007, numa amostra composta por 260 alunos do ensino básico, 61.6% dos adolescentes jogavam videojogos regularmente (Pereira, 2007, as cited in Lopes & Oliveira, 2013). No entanto, o mesmo estudo, revela que apenas 13,1% dos adolescentes do 9º ano de escolaridade tiveram a oportunidade de beneficiar, em sala de aula, de um videojogo com propósitos educativos (Pereira, 2007, as cited in Lopes & Oliveira, 2013). Não existe uma definição clara e universal para o conceito de jogo sério, mas concorda-se que o seu propósito é educativo, não apenas de entretenimento (Susi et al., 2006; Wattanasoontorn et al., 2013).

Face a acessibilidade, carácter motivacional e atratividade dos jogos sérios (DeSmet, 2015), por possuírem intervenções personalizadas e interativas (Jander et al., 2016), Reis e Matos (2009), constataam a importância da sua rentabilização na ES. O principal objetivo dos jogos sérios passa por permitir aos jogadores aplicarem o seu conhecimento a situações do quotidiano (DeSmet, 2015). Porém, a utilização de meios tecnológicos em sala de aula é recente, especialmente o uso do jogo como método pedagógico (Darwesh, 2015).

Lustria e colaboradores (2013), numa meta-análise, evidenciaram a efetividade de jogos sérios na promoção de comportamentos de saúde positivos e informados, mas destacam-se que os tamanhos de efeito são geralmente pequenos ou médios. Também, denota-se que este método tem evidenciado taxas elevadas de *drop-out* e de mortalidade da amostra, dificultando a concessão de estudos de *follow-up* e a avaliação do impacto da intervenção (Jander, 2016). Já em sala de aula, Marchetti e colaboradores (2018) verificaram que com a utilização de um jogo sério para a promoção de hábitos de saúde saudável, os alunos aumentaram o seu nível de conhecimento e adotaram comportamentos mais saudáveis. Já ao nível da saúde sexual, Hussein e colaboradores (2019), verificaram um aumento da literacia após a utilização de um jogo sério.

Desta forma, os jogos sérios poderão ser úteis na aquisição de conhecimento e alteração de comportamentos quebrando com o ensino tradicional e com o paradigma do *one size fits all*. Sendo estes aspetos especialmente relevantes, visto que, o modelo de crenças em saúde constata que para se conseguir entender a razão pela qual as pessoas falham na adoção de medidas preventivas é necessário ter em conta o seu conhecimento (Stretcher & Rosenstock, 1997). Portanto, os sujeitos levarão a cabo uma ação preventiva relativa a determinada condição de saúde se sentirem que são suscetíveis à mesma, se considerarem as suas consequências graves e se acreditarem que a sua tomada de posição será eficaz (Stern et al., 2013). Imaginando que os benefícios que a sua ação trará serão superiores aos obstáculos (Stern et al., 2013).

1.7 O presente estudo

A literatura tem vindo a apontar a baixa LR da população em geral, especialmente dos adolescente (Garcia et al., 2016; Maeda et al., 2016). Assim, os jogos sérios poderão permitir a mudança deste paradigma, na medida em que, a sua aplicação nos mais diversos contextos, nomeadamente ao nível da sexualidade, tem permitido o aumento de conhecimento (Jander et al., 2016).

Desta forma, com o intuito de promover a LR dos adolescentes e a tomada de comportamentos e de decisão conscientes e saudáveis a *Fertility Europe* desenvolveu um jogo sério sobre SR: *FActs!* (<https://myfacts.eu/pt/game-portuguese>). Este contém 4 cenários, com contextos próximos ao quotidiano dos adolescentes (no recreio, na escola, na festa e na casa do irmão) apresentando, cada um, aspetos sobre fertilidade. Após cada resposta, o adolescente recebe *feedback* informativo. A duração do jogo abarca entre 5-8 minutos.

Assim, com este estudo pretende-se perceber se o *FActs!* se constitui como um meio facilitador para a consciencialização e educação dos adolescentes sobre fertilidade, identificar aspetos a aprimorar no jogo desenvolvido e perceber quais os recursos e limitações de pais e professores no abordar destas questões.

Pelo que os objetivos centrais desta investigação são:

- 1) Explorar as perceções acerca da importância da consciencialização para a SR e do papel da escola em adolescentes entre os 15 e os 18 anos;
- 2) Aceder à aceitabilidade e usabilidade do *FActs!* e dos seus conteúdos por parte de adolescentes e dos agentes educativos (i.e., pais e professores);

- 3) Perceber se o *FActs!* se constitui como um facilitador comunicacional entre os principais agentes comunicativos (pais e professores).

2. Método

2.1 Participantes

A população alvo abrangida por este estudo concentra adolescentes, de escolas do norte do país, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos (n=12), pais de adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos (n=10, todos do género feminino) e professores do ensino secundário, do género feminino, de escolas públicas do norte e centro do país (n=7). Alcançando-se, desta forma, uma amostra total de 29 participantes.

2.2 Instrumentos de recolha de dados

Foi construído um guião de entrevista semiestruturado (Anexo A) para cada grupo-alvo. Este tipo de guião permite aos participantes a expressão de outros aspetos da sua experiência com o *FActs!* que consideram relevantes. O guião procura explorar o conhecimento dos participantes sobre SR, a necessidade de aquisição de maior conhecimento sobre esta temática, a sua atitude perante a mesma, a efetividade e vivências dos agentes educativos com o jogo.

2.3. Procedimentos de recolha de dados

Este estudo contou com o parecer favorável da Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Ref.^a 2023/06-04b) (Anexo B).

Optou-se pela realização de grupos focais por permitirem a compreensão das perspetivas dos participantes sobre temáticas específicas (Millward, 2000), valorizando simultaneamente a interação entre os participantes e o conteúdo daí resultante (Wilkinson, 2016).

O recrutamento foi feito através da divulgação do estudo em conjunto com formulário de inscrição nos grupos focais nas redes sociais (e.g. *facebook*, *instagram*, *whatsapp*). Após

este processo, foi enviado o consentimento informado (Anexo C), e agendada a sessão. Não foi necessário assentimento informado para os adolescentes, dado que se têm evidenciado a sua autonomia para a participação em investigações científicas (Mathews, 2012).

Os grupos focais foram realizadas remotamente, via *google meets*, e foram gravados, para possível transcrição *verbatim*. Os dados que remetiam à identificação dos participantes foram anonimizados. Com isto, no total foram conduzidos 8 grupos focais, que duraram entre 30-50 minutos.

2.4. Procedimentos de análise de dados

Os dados foram analisados qualitativamente, através da análise temática. Esta abordagem, centra-se na identificação e análise de temas ou padrões dentro dos dados (Braun & Clarke, 2006; Maguire & Delahunt, 2017). A opção por esta técnica, prendeu-se com a sua grande aplicabilidade na análise de perceções, opiniões e visões – tema central deste estudo – ao mesmo tempo que privilegia a interpretação do investigador (Braun & Clarke, 2006).

Braun e Clarke (2006), defendem que a análise temática poderá ser guiada pela questão de investigação ou pelos dados. Assim, esta investigação foi conduzida dedutiva e indutivamente, visto que se guiou pela literatura existente até ao momento acerca da temática, mas procurou simultaneamente identificar nova informação relevante através dos dados. Creswell (2013), sugere que de forma que não se dê uma fragmentação excessiva dos dados, identifiquem-se entre 3-5 temas.

As categorias criadas foram construídas e modificadas ao longo do processo, com o auxílio do *software* NVivo 14.

3. Resultados

Foram criados 3 grandes temas para as populações em análise: nível de literacia, vivências e motivação para a aquisição de conhecimento. Contudo, importa destacar que as categorias e subcategorias divergem de acordo com a população analisada.

Assim, denotou-se que o tema com maior frequência de resposta foi “vivências”, em todos os grupos. Nos adolescentes (fr = 12.71%) emergiram 3 categorias e 7 subcategorias (Anexo D, figura 1), nos pais (fr = 17,59 %) existem 3 categorias e 10 subcategorias (Anexo D,

figura 2) nos professores (fr = 22.07%) destacam-se 3 categorias e 17 subcategorias (Anexo D, figura 3).

3.1. Nível de Literacia

Nos adolescentes, o tema “nível de literacia” apresenta uma prevalência de 12.28%, já nos pais esta é de 8.73% e nos professores de 2.86%.

Tabela 1

Adolescentes – Literacia em SR

Categoria	Subcategoria	Definição	Excertos
Conhecimento	Baixo conhecimento	Conhecimento reduzido sobre SR.	“Eu joguei e reparei que em relação a muitos temas tinha uma ideia completamente diferente e errada, visto que em algumas questões errei, e era totalmente o oposto.” (A3)
	Sobrevalorização	Crenças de possuíam mais conhecimento do que aquele que realmente possuíam.	“Houve ali uma parte em que eu fiquei também atrapalhada hm, porque eu errei e achava mesmo que tinha a certeza...foi aquela parte em que...ahn...estavam a confrontar as mulheres com os homens, e era para...numa linha era para dizer quando é que achamos, qual é a idade que achamos em que eles começam a perder a fertilidade.” (A3).
Reações à informação	Interesse na temática	Considerar a SR como uma temática de interesse.	“Eu por acaso acho interessante até, muito honestamente” (A6)
	Surpresa	A informação criou surpresa.	“(…) mas que achava que era muito mais alta porque 35 anos não é assim tão velho, não é? Ainda é jovem!” (A9)
Informações mais importantes	Preocupação	A informação levantou preocupações.	“Eu acho que é uma preocupação que penso que está mais acrescida no sexo feminino.” (A2)
	Fatores de risco	Consideraram crucial informação sobre os fatores de risco.	“Eu acho que sim. E mesmo quando aquelas questões sobre o fumar e o beber álcool, isso eu acho que era uma informação que toda a gente devia saber...deviam saber mesmo que isso causa perda na fertilidade...acho que estou a dizer corretamente.” (A1)
	Idades	Consideraram crucial a informação acerca das idades.	“Eu não esperava que as idades fossem afetar tanto mesmo.” (A8)

No que concerne aos adolescentes, as categorias com maior frequência de respostas são “reações à informação” (5.18%), e “conhecimento” (4.73%). Estas categorias traduzem

que o baixo conhecimento sobre a temática percecionado por esta população, acabou por produzir reações de surpresa e preocupação face à informação transmitida pelo jogo. Surge, ainda, a categoria “informações mais importantes” (3.37%), onde se pretende identificar quais são as temáticas consideradas mais pertinentes, destacando-se o impacto dos fatores de risco na fertilidade, visto serem fatores modificáveis, e da idade fértil, que acreditavam ser mais tardia. Na tabela 1, é possível observar de forma mais precisa estas informações.

Com isto, os adolescentes, de uma forma geral, percecionaram não possuir conhecimentos suficientes sobre SR (*“a primeira coisa que pensei foi que eu não entendo nada disto”* (A1), mesmo considerando o conteúdo *“um bocado básico”* (A3). Concomitantemente, constatou-se uma sobrevalorização do conhecimento existente (*“...porque eu errei e achava mesmo que tinha a certeza...”* (A3)), o que desencadeou reações quer de surpresa (*“E também quando havia lá uma pergunta sobre acho que era aos 35 anos que a fertilidade diminuía tipo 25%, ou mais... Mas que achava que era muito mais alta porque 35 anos não é assim tão velho, não é? Ainda é jovem!”* (A9)), quer de preocupação (0.73%) (*“(...) acho que é uma temática que os homens se têm de preocupar mais, porque também têm esse problema”* (A2)). Destacaram ainda que as informações mais importantes, correspondiam aos fatores de risco (*“E mesmo quanto àquelas questões sobre o fumar e o beber álcool, isso eu acho que era uma informação que toda a gente devia saber...deviam saber mesmo que isso causa perda na fertilidade...”* (A1) e ao impacto da idade na fertilidade, visto que *“eu não esperava que as idades fossem afetar tanto”* (A8), pois desconheciam e desvalorizavam a sua influência na fertilidade.

Assim, atribuíram interesse aos temas da SR, valorizando a sua abordagem e recomendando o jogo a outros colegas na mesma faixa etária (*“Eu acho que recomendavam a toda a gente da minha idade a fazer”* (A7)).

Tabela 2

Pais – Literacia em SR

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Conhecimento	Sobrevalorização	Acreditavam possuir mais conhecimento do que aquele que realmente possuem.	“É evidente que eles não sabem nada, como nós achamos que sabemos tudo e não sabemos nada, ou não sabemos tudo, de facto.” (P4)
Consequências da transmissão de informação	Ansiedade	A disseminação de informação provoca	“Por exemplo, eu tenho uma colega que já fez vários tratamentos e não consegue engravidar e depois aqui este sentimento de frustração de enquanto eu era fértil, não aproveitei a

	ansiedade face ao futuro.	oportunidade e agora quero ser mãe e não consigo. Acho que eles, num futuro não muito longínquo, vão se começar a perceber cada vez mais destas possibilidades porque elas acontecem cada vez mais”. (P7)
Promover preocupação	A informação poderá criar preocupação na adoção de comportamentos.	“(…) gostaria também de realçar o facto de teres abordado a parte da fertilidade...ou a influência das drogas naquilo que pode ser a fertilidade, isso também pode ser muito importante! Porque podem começar a pensar já desde novos, a pensar ser um fator de inibição. É importante eles também terem essa consciência.” (P6)

Atentando aos pais, evidencia-se que a categoria com maior prevalência de resposta foi “consequência da transmissão de informação” (5.48%), seguida de “conhecimento” (3.25%). A caracterização pode ser observada mais detalhadamente na tabela 2.

Por um lado, os participantes, percebem que a transmissão de informação sobre SR permite alertar os adolescentes para fatores do estilo de vida que poderão afetar a sua fertilidade, *“porque podem começar a pensar já desde novos... a pensar ser um fator de inibição.”* (P6), promovendo a adoção de comportamentos mais conscientes e saudáveis. Por outro, temem que possa provocar ansiedade nos seus filhos, dados que as primeiras gravidezes surgem mais tarde e pelas condicionantes do dia-a-dia (e.g. stress) (*“Exatamente, pode acontecer como não pode acontecer e, portanto, estarmos já digamos a massacrar um bocadinho ou falar sobre eu fico um bocadinho com receio nesta situação... é verdade.”* (P4)).

Já no que diz respeito ao seu conhecimento sobre SR, os pais verificaram que possuíam menos conhecimento sobre a temática do que o que consideravam ter (*“achamos que sabemos tudo e não sabemos nada, ou não sabemos tudo, de facto.”* (P4)), reconhecendo o seu baixo conhecimento (*“Nós temos mais idade, já deveríamos estar mais dentro disto, não é? E é que não estamos. Não estamos, não é?”* (P3)).

Tabela 3

Professores – Literacia em SR

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Literacia	Baixo conhecimento	Reconhecem possuir conhecimentos insuficientes.	“Sim, eu ia ler coisas sobre isso. Já sei alguma coisa, mas sei pouco.” (PR4)
Benefícios da informação	Consciencialização	A informação permite que os adolescentes tenham consciência do impacto dos seus comportamentos.	“E eu acho muito importante, também para lhes abrirem o horizonte e para eles perceberem que podemos sempre fazer diferente e podemos sempre melhorar os nossos conhecimentos

Quanto aos professores, emergiram duas categorias principais: "literacia" (0,49%) e "benefícios da informação" (2,73%), que podemos observar na tabela 3.

Os professores reconhecem ter pouco conhecimento sobre SR (*“portanto, ainda há coisas que não sabemos e que achamos que sabemos e não sabemos...”* (PR6)). Contudo, identificam os benefícios de transmitir informação sobre o tema, considerando que permite que os adolescentes compreendam as repercussões dos seus comportamentos na SR: *“Acho que a informação sobre a sexualidade e as várias áreas da sexualidade influenciadas pelas nossas escolhas de vida, nomeadamente em termos sociais, em termos psicológicos, eu acho que isso devia ser tudo trabalhado desde sempre, desde sempre”* (PR6).

3.2. Vivências

Como mencionado no início deste capítulo, o tema "vivências" teve a maior frequência de resposta nas três populações analisadas.

Tabela 4

Adolescentes – Percepções sobre o jogo e abordagem escolar da SR

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Comunicação escolar	Abordagem exclusiva à saúde sexual	Na escola, discutiram apenas aspetos relativos à saúde sexual.	“...focamos muito nas doenças sexualmente transmissíveis e métodos contracetivos e deixamos de lado assuntos relacionados a infertilidade” (A6)
	Abordagem simplista	A informação passada é básica e o método usado não varia.	“Acho que é abordado de uma forma muito simples e não é muito aprofundado.” (A6)
	Disponibilidade para a abordagem	Demonstram interesse à abordagem da temática na escola.	“Eu achei que nós tínhamos de dar mais na escola porque eu ao início não tinha entendido nada” (A1);
	Percepções sobre o jogo	O jogo permitiu a aquisição de conhecimentos.	“E também acho...vou voltar ao que tinha dito antes, porque eu com o jogo percebi muito melhor e aprendi muitas coisas...que não sabia, que não tinha dado na escola.” (A1)
	Abordagem atrativa	O jogo torna a abordagem mais cativante.	“Porque assim acho que às vezes aquilo é só as enfermeiras a falar e assim havia um bocado de interação e

Tomada de decisão	Utilização da informação	A LR facilita a tomada de decisão.	seria mais dinâmico. E acho que seria uma maneira mais interessante.” (A7) “E para essas pessoas, caso queiram no futuro criar uma família e ter filhos, acho que esse jogo é importante porque vai-lhes abrir os olhos, para perderem esses hábitos.” (A6)
	Preparação para o futuro	Sentem-se mais preparados para encarar o seu futuro.	“(…) mas aprendi também com o jogo, acho que ao final de 12 meses, caso o casal não consiga ter um filho, consulta-se um médico relacionado ao tema e procura-se ajuda.” (A6)

Entre os adolescentes, as categorias com maior prevalência de respostas foram “perceções sobre o jogo” (4.67%), que engloba as experiências face ao jogo como ferramenta de partilha de conhecimento, e “comunicação escolar” (5.94%), que compreende as perspetivas sobre a abordagem do tema na escola e a abertura dos estudantes para ele. A categoria “tomada de decisão” (3.67%) destaca a importância da transmissão de LR, preparando os adolescentes para possíveis problemas futuros e ajudando-os a tomar decisões conscientes. As categorias e subcategorias estão detalhadas na tabela 4.

Assim, os adolescentes percecionam o jogo como um mecanismo que permite a aquisição de novos conhecimentos e a partilha de informação (“(…) *é um jogo interessante para se aprender um pouco mais também.*” (A8)), simultaneamente consideram-no um elemento disruptor da abordagem tradicionalista dos temas da ES, “*porque assim acho que às vezes aquilo é só as enfermeiras a falar e assim havia um bocado de interação e seria mais dinâmico.*” (A7), considerando-a uma forma mais cativante e atrativa de abordar o tema (“*Eu acho que quando é uma enfermeira a falar ou alguém relacionado ao tema muitos alunos simplesmente vão estar desatentos ou deitados com a cabeça para baixo, a não ouvir nada, desconcentrados completamente. Mas ao fazer o jogo, ou estão no telemóvel ou estão a interagir, pode ser que crie algum interesse sobre. E que eles aprendam mais rapidamente do que ser só uma pessoa a estar ali a falar para a parede quase.*” (A6)).

Os adolescentes destacaram que a baixa LR resulta da fraca comunicação escolar, sendo um tema pouco abordando, e quando o é, adota-se uma abordagem simplista (“*Pelo menos na minha escola...era um tema em que nós tínhamos algumas sessões, mas não era muito abordada.*” (A4)), acompanhada por “(…) *algum tabu e complexo pela parte dos professores ao falar sobre assuntos relacionados a isso com alunos*” (A6). Simultaneamente, evidenciam o enfoque que é dado à saúde sexual, pelo que “(…) *deixamos de lado assuntos relacionados à infertilidade*” (A7). Assim, os adolescentes demonstraram disponibilidade para a abordagem da

SR, explanando inclusive a necessidade de uma abordagem mais orientada e aprofundada (*“Eu, eu a primeira coisa que eu pensei sobre o jogo, foi que nós tínhamos de dar isso mais na escola (...)”* (A1)).

No que concerne à "tomada de decisão" (3.67%), os adolescentes evidenciam a importância da educação para a fertilidade, pois permite que obtenham informações úteis para a sua vida quotidiana e corrijam crenças errôneas: *“Porque a minha mãe também, por exemplo, consome álcool, não é? Bastante. E ela tem três filhos, a contar comigo. Lá está, também cresci à volta disso e então não sabia dos riscos que podia causar. Não sabia assim desses riscos. Pronto, e então acho que vai mesmo mudar a minha maneira de pensar”* (A9).

Reconhecem, ainda, que a LR os prepara melhor para o futuro, ajudando-os a saber como agir perante dificuldades: *“Por exemplo, nós mulheres (...) ficamos logo preocupadas à primeira impressão de que não conseguimos engravidar depois de um ano... ficamos logo muito preocupadas. No entanto, sentimo-nos um bocado, como a A1 e o A2 há um bocado diziam, sozinhas e pensamos que só a nós é que acontece isto e acho que esta informação que vimos no jogo... se toda a gente tivesse acesso acho que conseguiriam compreender melhor”* (A3).

Tabela 5

Pais – Perceções sobre o jogo e da comunicação familiar

Categorias	Subcategorias		Definição	Excertos
Perceções sobre o jogo	Pedagogia	Transmissão de conhecimento	Permite a transmissão de informação.	“Não está na minha fase. Mas sim, acho que é um bocadinho de cultura geral também e é importante também saber essas coisas.” (P10)
		Permite a comunicação	Facilita a comunicação familiar sobre o tema.	“Claro, é uma boa forma de falarmos sobre os temas, jogando. Em tom, de jogo, de brincadeira, será uma boa forma de abordarmos estes temas que normalmente no dia a dia não fazemos.” (P2)
	Concentração		O jogo exige que o adolescente esteja concentrado, desmerecendo o seu carácter divertido.	“Não, eu até nem sou dos jogos, mas tenho aquela ideia da rapidez e ali exige um bocadinho mais de concentração, de leitura pronto, mas é só por aí.” (P6)
Comunicação familiar	Abordagem nunca se deu		A SR nunca foi discutida em família.	“Realmente não é assunto que se fala até...até realmente nos depararmos com o problema caso exista. Porque senão não é tema de conversa. E acho que entre eles também não, não é?” (P2)

	Abordagem efetivou-se	Casos próximos	A SR foi discutida na família devido à presença de casos próximos de infertilidade. Há crenças errôneas e um tabu societal sobre a SR.	“Portanto, os meus filhos, nós falamos disso porque ela falava abertamente no assunto, porque inicialmente havia também um tabu na sociedade, digamos, acerca dos bebês fruto da fecundação in vitro, como se não fosse das pessoas, não é?” (P1) “(...) Acho que ainda é um bocadinho tabu.” (P9)
	Assunto tabu			
Tomada de decisão	Baixo Conhecimento		Percecionam o conhecimento dos adolescentes como insuficiente para tomar decisões conscientes. Adotam comportament os de risco, mesmo quando a informação é transmitida.	“Sim, não é um tema que eles normalmente falam muito, ou que falem muito aos outros sobre o assunto, ou que até dominem propriamente o assunto.” (P2)
	Comportamento			“Não, mesmo pelo que a gente vê no dia a dia porque acham que não é problema nenhum que nada acontece e depois quando se vai a ver, já há vários problemas.” (P9)

No que concerne aos pais, denota-se a presença de 3 categorias, sendo que a que obteve maior frequência de respostas foi “comunicação familiar” (9.34%), seguida de “percepções sobre o jogo” (4.87%) e “tomada de decisão dos adolescentes” (3.38%). Na tabela 5, as categorias e subcategorias são aprofundadas.

Os pais ao nível da comunicação familiar transmitiram que a abordagem à SR quando se efetivou, teve como origem a existência de pessoas significativas com problemas de infertilidade (“*Portanto, em casa o assunto foi abordado por aí, porque temos um familiar, não é, que padeceu desse problema e tornou-se assunto dessa maneira. Se não também a fertilidade na idade tenra dos meus filhos, na altura, nunca seria abordada porque não fazia sentido (...)*” (P1)). Verificou-se que, de forma geral, se não se tivessem deparado com estes casos, a abordagem não teria sido concretizada, visto que “*realmente não é assunto que se fala até...até realmente nos depararmos com o problema, caso exista.*” (P2). Ao mesmo tempo, a infertilidade foi percecionada como um tema que ainda é abordado com *tabu*, o que dificulta a comunicação sobre o mesmo (“*A sociedade foi se informando, o tabu foi desaparecendo, no entanto, ainda há algum, na minha opinião, quando ela hoje ainda fala do assunto, há algumas pessoas que dizem que “ah, mas então não é a tua filha”*” (P1)).

Quanto às percepções que tiveram acerca do jogo, denota-se que os pais reconheceram o seu caráter pedagógico (2.48%), onde se destacou o seu papel na transmissão de conhecimento e de aprendizagem (*“Mas lá está, como eu digo, também nos trouxe saber, como as respostas estavam erradas e eu fiquei a saber que estavam erradas.”* (P10)). Ao mesmo tempo, percecionam-no como um facilitador comunicacional e como uma forma divertida de abordarem a temática com os seus filhos (*“Eu penso que o jogo...se nos sentarmos, jogarmos, é uma forma também de abordar alguns temas. Eu fiz isso com o meu filho.”* (P6)). No entanto, referem que o jogo exige concentração, rompendo com o imediatismo dos jogos, pelo que destacam este aspeto como uma possível limitação, visto que *“(...) sendo para aquelas idades e requerendo alguma leitura, alguma atenção, muitas vezes isso pode ser uma handicap ao jogo.”* (P6).

Por fim, quanto à sua percepção sobre a tomada de decisão dos adolescentes, os pais referem que os seus filhos não têm conhecimentos adequados acerca da temática e que mesmo existindo uma maior disseminação da informação, ingressam em comportamentos de risco, acreditando que não assimilam a informação (*“Eles têm a informação, sabem dos riscos, mas depois não sei se têm a real noção dos perigos que correm muitas das vezes, é muito por aí, na minha opinião.”* (P1)).

Tabela 6

Professores – Percepções sobre o jogo e abordagem da SR

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Percepções sobre o jogo	Aprendizagem	O jogo permite que os estudantes desenvolvam aprendizagens.	“Ou seja, é um jogo que passa informação, por esse lado achei muito útil.” (PR5)
	Facilitador comunicacional	Permite que a temática seja falada.	“Eu acho que se eu abordasse isso (...) se calhar ajudava-me, tenho a sensação de que me ajudava.” (PR4)
	Concentração	O jogo exige leitura e concentração.	“Talvez chame a atenção o aluno... dos miúdos conseguirem ler a seguir, porque tudo que passa assim...em X tempo da atenção deles é grande. Eles são habituados a ver coisas assim, no máximo em um minuto.” (PR4)
	Atratividade		“Portanto, se calhar, este é um jogo, é uma forma que eles gostam de jogar, porque vai encontrar aquilo que eles fazem na atualidade, gostam muito de jogos, disto e daquilo.” (PR7)
	Qualidade da informação	Necessidade de mais informação	A informação do jogo é insuficiente. “Eu fiquei com essa ideia. Fiquei com a ideia de que aquilo era apenas uma amostra.” (PR1).

Comunicação Escolar	Abordagem da temática	Objetiva	A informação do jogo é clara e objetiva.	“Acho que está muito acessível para os nossos alunos.” (PR7)
		Professores	A abordagem da ES é feita por professores.	“Eu é que se calhar estou mais focada em passar agora esta informação aos adolescentes e não na perspectiva de quando eles estão já a pensar no problema de não conseguirem serem férteis.” (PR6)
	Ausência de conforto	Profissionais de saúde	A abordagem da ES é feita por profissionais de saúde. Não se sentem confortáveis para abordarem a temática.	“E nós lá na escola temos também sessões com enfermeiras e com psicólogos.” (PR1). “(…) eu não me sentiria confortável.” (PR1)
	Desafios	Área de formação Turma	A área disciplinar é um desafio. O tipo de alunos é um desafio.	“(…) eu penso que quem não é da área não se sente à vontade.” (PR2) “(…) pode ser que tipo de alunos é que nós temos pela frente para fazer isso.” (PR7)
Perceções sobre a LR dos adolescentes	Recolha de informação		A busca de informação fidedigna e objetiva sobre SR é um desafio.	“Portanto, eu acho que a minha principal preocupação é a atualização. É ter um local, vamos dizer assim, ou ter disponível a informação atualizada sobre esta temática.” (PR7)
	Comportamento		Os adolescentes não colocam o seu conhecimento em prática.	“Saber mais, às vezes, em termos práticos, resulta em zero.” (PR1).
	Baixo Conhecimento		Os adolescentes possuem baixa LR.	“Porque, por exemplo, se for falar com os alunos que não têm biologia a informação que eles têm sobre o assunto deve ser muito mais básico” (PR7)

Por fim, quanto aos professores identificaram-se 3 categorias, sendo que a que obteve maior prevalência de menções foi “perceções sobre o jogo” (11.26%), seguida da categoria “comunicação escolar” (8.39%) e “perceções sobre a LR dos adolescentes” (3.08%). Foram identificadas as perceções que os professores obtiveram do jogo e a relevância do mesmo para os adolescentes, bem como do seu possível papel em sala de aula. Paralelamente, percebeu-se que os professores atribuem maior importância a outras temáticas da ES (e.g. contraceção) do que à SR. Na tabela 6, encontram-se informações pormenorizadas sobre cada categoria e subcategoria.

Com isto, os professores, percecionam o jogo como sendo um mecanismo importante de aprendizagem e de transmissão de informação para os adolescentes, sendo passível retirar conhecimentos importantes através do mesmo (“*Lá está, eu acho que o jogo não está feito naquela perspetiva do questionário básico parece que entramos ali numa história e que vamos*

seguindo uma lógica e ao mesmo tempo que vamos questionando as nossas próprias dúvidas vamos aprendendo também quando as dúvidas são efetivas.” (PR6)). Portanto, consideram que o jogo apresenta informação coesa e objetiva (*“E na verdade a informação estava sucinta, pareceu-me o adequado.” (PR5)).* Porém, a sua objetividade levantou a percepção de que os temas abordados são insuficientes, passando a imagem de que o jogo estava incompleto (*“Ali faltou-lhe muitos temas importantes, já sabe. Eu pensei que era uma amostra. Claro que está assim uma coisinha... não sei se o jogo está mesmo só assim. Precisa de mais... Precisa de mais ser mais completo em várias áreas.” (PR4)).* Ao mesmo tempo, sendo um jogo que exige leitura, acreditam que poderá ser um fator que condicione o interesse dos adolescentes, pois *“tinha que ser uma coisa assim mais rápida para dar o aspeto mais do lúdico, senão começa a ser uma coisa mais teórica e perde essa parte do lúdico” (PR2).* Apesar da necessidade de concentração poder limitar o caráter lúdico do jogo, as tecnologias são um meio próximos aos adolescentes, e *“quando as coisas são dadas de modo muito formal, como um conteúdo de matéria, eles acham que isso é uma seca. Quando as coisas são dadas de um modo mais informal, eles guardam aquilo como sendo um conselho de uma atividade fixe que fizeram na escola.” (PR6).* Assim, acreditam que a experiência com o jogo, para os adolescentes, poderá ser mais vantajosa se utilizado em contexto de sala de aula ou em sessões mediadas por profissionais de saúde (*“Eu acho que se calhar tomou um instrumento para essas sessões. Porque, se calhar, individualmente acaba por não surtir tanto efeito.” (PR1)).* Assim, conceptualizou-se o jogo como um facilitador na abordagem da temática em sala de aula, tornando-a mais acessível ao professor e mais atrativa para o aluno (*“Ai, facilitar, facilita sempre. Porque eles, tudo que seja jogos e tudo que seja fugir da temática habitual, eles acham fantástico.” (PR6)).*

Quanto à forma como a temática tem sido abordada no ambiente escolar, denota-se que a maior parte das vezes são profissionais de saúde a mediar as sessões (*“Olhe na minha escola é como lhe digo, na minha escola este tema da infertilidade foi abordado pelo Dr. X várias vezes ao alunos do 12º ano.” (PR4)).* No entanto, no 12º ano dá-se a intervenção de professores de biologia, visto que a fertilidade é um dos temas do currículo da disciplina (*“Aquilo que eu faço com as turmas de biologia devia ser trabalhado com todas.” (PR5)).* Assim, denota-se que não existe conforto para a abordagem da temática (*“Neste momento, eu diria que não me sentia confortável.” (PR1)),* que se dá devido a fatores como a área de formação que não abrange as temáticas da sexualidade (*“Eu, pessoalmente, sou professora de português, não me sinto à vontade para abordar temas que não têm a ver com a minha formação. Podia estar a dizer disparate, aos alunos.” (PR2)),* o tipo de alunos (*“Porque às vezes é difícil que eles queiram pegar, ou é uma coisa que vem muito de dentro, que eles são curiosos para conhecer porque*

quando somos nós a dar a informação, nem sempre é recebida.” (PR5)) e acesso a informação fidedigna (“E se fosse dar isto, não seria um expert como sou, mas ia preparar-me em termos de assuntos relacionados com isso” (PR4)).

Com isto, consideram que a LR dos adolescentes *“é uma literacia que...se falarmos em global, é baixa” (PR7)*, bem como *“as tomadas de decisões lá está, se nós não dermos informação prévia antes de se chegar à idade de se tomar as decisões, eu acho que elas acabam sempre por ser condicionadas por falta de informação, por tabus, por medos” (PR6)*. Contudo, mesmo com a maior acessibilidade à informação *“(…) depois, na ocasião, no momento certo, eles continuam a não saber gerir” (PR4)*.

3.3. Motivação para a aquisição de conhecimento

Este tema, teve maior frequência de respostas nos adolescentes (12%), seguidos dos pais (10.73%) e dos professores (9.24%).

Tabela 7

Adolescentes - Motivação para a aquisição de conhecimento

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Responsividade	Entusiasmo	Demonstraram entusiasmo e interesse pelo jogo e pelo tema.	“Eu voltaria a jogar!” (A1)
	Curiosidade	Apresentaram curiosidade e questões extra.	“Só mais uma questão, desculpa, desculpa. Quem tem mais tendência a serem infértil mulheres ou homens? E a partir de que idade é que uma mulher fica mais infértil? E a partir de que idade um homem fica mais infértil?” (A6)
Relevância		A LR tem utilidade na vivência diária.	“E é importante ser abordado...para as pessoas terem mais consciência sobre esse assunto e poderem também abordarem e terem outros cuidados e se não conseguir ter filhos, procurar outros assuntos...e não é só essa pessoa, não está só a acontecer consigo, não está sozinha e que também muita gente está a passar por essa realidade. (A2)”
Importância		A LR deve estar na presente na população.	“...por exemplo, eu tive a estudar isso na escola sobre fertilidade e infertilidade e não sabia que só se sabia se se tinha infertilidade depois de 1 ano a tentar engravidar. Então acho que isso devia ser um conhecimento geral por todas as pessoas.” (A1)

Através do tema “motivações para a aquisição de conhecimento”, denota-se a presença de 3 categorias, sendo a que obteve uma maior frequência de respostas foi “importância” (5.94%), seguida de “relevância” (4.46%) e “responsividade” (1.83%).

Assim, percebeu-se que os adolescentes atribuem importância à SR, considerando a transmissão de conhecimento fundamental, pois *“é importante ser abordado...para as pessoas terem mais consciência sobre esse assunto e poderem também abordarem e terem outros cuidados e se não conseguirem ter filhos, procurar outros assuntos...e não é só essa pessoa, não está só a acontecer consigo, não está sozinha e que também muita gente está a passar por essa realidade.”* (A2).

Analogamente, os adolescentes reconhecem que o conhecimento sobre SR é útil à sua vivência diária (*“Então acho que toda a gente devia ter essa consciência e eu acho que isso fumar e beber álcool podia se tornar muito mais reduzido. Porque cá em Portugal é muito alto e depois as pessoas acontece não conseguirem engravidar e não sabem porque é que aquilo aconteceu e é por esses dois motivos.”* (A3)). Também, evidencia-se que a temática despertou alguma curiosidade, tendo em conta que os adolescentes procuraram fazer algumas questões, por exemplo no que diz respeito aos tratamentos de fertilidade (*“Existem vários ou assim um que é mais comum de se utilizar?”* (A6)), bem como entusiasmo, demonstrando interesse em divulgar o jogo e a voltar a jogá-lo (*“Totalmente gostei. Gostaria de jogar num jogo mais, assim, mais duradouro.”* (A8)).

Tabela 8

Pais - Motivação para a aquisição de conhecimento

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Importância da temática		Reconhecer a SR como uma temática importante.	“Eu até acho que devia ser mais falado. Não haveria tantos problemas em falar disso.” (P9)
Pertinência para os adolescentes	Imaturidade	Imaturidade dos adolescentes para compreender a temática.	“Nesta idade, na faixa dos 16, 17, 18 anos, porque acho que há uma certa imaturidade, digamos assim, para com alguns assuntos.” (P1)
	Outros temas de maior interesse	Existem temas da ES mais interessantes.	“(…) nestas questões, ou seja, será o menos relevante quando falamos em sexo, em proteção, em relações sexuais, não é.” (P6)
	Ter filhos	A temática é pertinente no período em que procurarem ter filhos.	“Esta questão da fertilidade, se calhar um bocadinho mais tarde, não é? Para eles nesta idade, se calhar quando eles já começarem a iniciar a vida sexual e tiverem já essa preocupação.” (P10).

No que diz respeito aos pais, verificamos a existência de 2 categorias, sendo que a que obteve maior prevalência de respostas foi “pertinência para os adolescentes” (6.83%), seguida da categoria “importância da temática” (3.90%).

Assim, os pais acreditam que a temática, para a faixa etária dos adolescentes, não adquire elevada pertinência, visto que atribuem alguma imaturidade aos seus filhos para a compreensão de um tema que consideram complexo (*“Não, eles ainda são infantis, pelo menos eu falo no meu filho acho que eles ainda são muito infantis nestas matérias.”* (P2)). Bem como, acreditam que a temática ganhará alguma pertinência quando pretendem ser pais, pois para já é um cenário distante das suas vivências (*“É uma coisa que ainda não se pensa muito. Se calhar quando chegar à maré de quererem ser pais, aí falar no assunto, mas para já não”* (P9)), destacando a existência de temas de maior interesse e mais próximos das experiências desta faixa etária (*“Acho que ele já... a parte do sexo, que é da sexualidade, mas este tópico em si não.”* (P3)).

Porém, atribuem importância à temática, visto que *“(...) se eles não estão, neste momento, despertados para o tema, eu acho que com o evoluir dos anos, eles vão ter estar cada vez mais, porque vai ser um problema cada vez mais presente no futuro deles.”* (P7)).

Tabela 9

Professores - Motivação para a aquisição de conhecimento

Categorias	Subcategorias	Definição	Excertos
Perceções sobre SR	Importância	É importante que a população possua LR.	“Aliás, a educação sexual devia estar na escola em todos os parâmetros e um dos pontos importantes para a educação para a sexualidade passa também pela noção de fertilidade e da importância da fertilidade quando ela é... é uma perspectiva de vida das pessoas”. (PR6)
Pertinência para os adolescentes	Baixa pertinência	A temática não se coaduna com a vivência dos adolescentes.	Não sei se um jovem com 15 ou 16 anos se preocupa no imediato com essa questão da sexualidade ou da taxa de sexualidade. Se estivéssemos a falar na outra faixa etária, a partir dos 20, 20', agora não sei se com 15 ou 16 anos, não sei se eles já têm essa preocupação. (PR1)
	Aplicação a idades mais jovens.	A temática deve ser abordada no 3º ciclo.	“Claro que em 9º ano eles não estão a pensar nisso... à partida não estão a pensar. Mas faz sentido eles ficarem com a ideia que os fatores de risco e todas as atitudes que eles têm numa fase mais prematura, vai interferir com o futuro deles. (PR7)
	Preferência outros temas.	A educação para a fertilidade não é tão estimulante	“Porque para o resto, eu acho que é... não é desadequado, mas é menos interessante que

	como outros temas da ES.	outros temas dentro da sexualidade, na minha opinião.” (PR4)
--	--------------------------	--

Atentando aos professores, constatamos a existência de duas categorias, sendo elas “pertinência para os adolescentes” (6.25%) e “percepções sobre SR” (3.25%) (tabela 9).

Denotou-se que alguns professores consideraram a temática pouco pertinente para a faixa etária em análise, visto que a consideram longínqua da vivência dos adolescentes (“*Para eles, se calhar, nesta fase a fertilidade, não será assim, na minha opinião, muito significativa.*” (PR4)), atribuindo maior interesse a outros temas que veem como mais adequados, pois “*acho que aí eles estavam mais interessados em saber como evitar, como prevenir doenças, outros temas*” (PR5). Contrariamente, outros professores consideraram que a SR deveria ser abordada mais cedo, de forma a alertar para os fatores de risco (“*E eu acho que isso, se calhar, começamos a aplicar até mais cedo. Daí eu me ter lembrado do 9º ano. O 9º já aborda os métodos contraceptivos. E eles cada vez saem mais cedo. Eles cada vez vão para a noite mais cedo, os nossos alunos.*” (PR7)).

Quanto à importância atribuída à temática, consideram-na relevante, pois “*a infertilidade é um tema que está a ser pelos vistos... ou as pessoas agora, pelo menos que se saibam, há mais problemas de infertilidade agora. Faz parte, acho que é importante saberem.*” (PR4).

4. Discussão

Com este estudo, procurámos identificar as percepções dos adolescentes quanto ao seu nível de LR, analisando, ao mesmo tempo, o potencial pedagógico do *FActs!* na SR e enquanto facilitador comunicacional dos contextos mais proximais desta faixa etária. Procurou-se também perceber as percepções e vivências dos principais agentes educativos com o jogo, de forma a ser possível auferir a sua aceitabilidade e satisfação. Assim, emergiram três temas: nível de literatura, vivências e motivação para a aquisição de conhecimentos.

A literatura tem evidenciado a baixa LR da sociedade (Bunting & Boivin, 2008; Garcia et al., 2016; Maeda et al., 2016) e a sobrestimação do conhecimento, que induz práticas que comprometem a fertilidade (Lampic et al., 2006; Moos et al., 2008). Assim, os resultados obtidos parecem ir de encontro ao relatado, constatando-se o baixo conhecimento dos adolescentes, através da sobrevalorização do seu conhecimento, evidenciando bastante surpresa

quando confrontados com informações acerca dos fatores de risco e da idade. Revelando-se o mesmo cenário na população dos pais e professores, o que dificulta a transmissão de informação fidedigna aos adolescentes e a comunicação acerca desta temática nos contextos escolar e familiar. Portanto, sustenta-se a tese de que é importante que a LR seja promovida o quanto antes (Kudesia et al., 2017; Maslowski et al., 2022; Ragnar et al., 2018), como defendida por alguns professores (*“Mas faz sentido falar mais cedo. Até para alertar, eu costumo dizer, é aquela sementinha que se pica ali e aquilo vai ficando e eles sempre que se confrontam com alguma situação, ficam lá e vão se lembrar e vão construindo a informação.”* (PR7)). Porém, esta visão é heterogênea, considerando que a maior parte dos professores e pais da nossa amostra atribui baixa relevância à temática para a faixa etária em estudo, já que se afasta da vivência dos adolescentes (não ambicionam ter filhos tão cedo), considerando outros temas mais relevantes (e.g. métodos contraceptivos).

Contudo, e tal como Ragnar e colaboradores (2018) realçam, os adolescentes consideraram a disseminação de informação sobre fertilidade importante, evidenciando interesse numa maior abordagem e curiosidade acerca da SR. Numa meta-análise conduzida por Nakamura (2023), os estudantes consideraram a escola a sua principal fonte de conhecimento sobre fertilidade, revelando necessidade de uma abordagem mais aprofundada desta temática. A mesma conceção foi destacada pelos adolescentes do nosso estudo, que embora tenham abordado alguns temas da SR na escola, consideraram insuficiente e simplista, evidenciando necessidade de uma abordagem mais aprofundada e direcionada às suas necessidades. Efetivamente, a SR insere-se no plano curricular da disciplina de biologia de 12º ano, abordando temáticas como a manipulação da fertilidade e as técnicas de reprodução medicamente assistidas (Ministério da Educação, 2018), no entanto, para além de ser uma disciplina que se configura ao curso humanístico-científico de ciências e tecnologia é uma disciplina de opção, pelo que não abrange grande parte dos estudantes.

Face à necessidade dos adolescentes de uma maior abordagem à SR, os professores, mesmo aqueles que reconhecem possuir algum conhecimento acerca de SR, não se sentem confortáveis para abordar a temática, corroborando o estudo de Serrão & Barbosa (2006). No que concerne aos pais, a par com a perceção de que a SR não é a temática mais relevante nesta faixa etária, reconhecem ter abordado a temática com os filhos apenas por terem existido casos próximos de problemas de fertilidade nos seus círculos próximos, caso contrário a abordagem não se dava, quer por considerarem não existir maturação para a sua compreensão, quer por possuírem a crença de que a abordagem será mais benéfica quando desejarem construir uma

família. Também, consideram que a informação poderá causar ansiedade e preocupação, como destacado por Pedro e colaboradores (2020).

Ainda assim, a disseminação de informação é importante, de forma que comportamentos de risco possam ser mais facilmente evitados, e permite a preparação para lidar com possíveis problemas no futuro (Bunting & Boivin, 2007; McCarey et al., 2021), como constatado pelos adolescentes e pelos agentes educativos. Sendo, também, referido pelos pais e pelos adolescentes que a comunicação sobre esta temática permite a desconstrução de *tabus* enraizados na sociedade. Por outro lado, quanto à aplicabilidade da informação, tanto pais como professores, destacam que existe dificuldade por parte dos adolescentes em colocar o conhecimento que possuem em prática. Este aspeto também já foi retratado na literatura, verificando-se que a aprendizagem não é condição suficiente para que se dê a alteração comportamental (Maeda et al., 2018; Wojcieszek & Thompson, 2013). Efetivamente, e atentando ao modelo de crenças em saúde, é necessário que exista uma perceção de suscetibilidade à infertilidade e da gravidade do problema (Stern et al., 2013). Bem como, dos benefícios que a alteração destes comportamentos produzem no seu estilo de vida e da perceção de autoeficácia, sendo fatores cruciais para a alteração comportamental (Stern et al., 2013).

Os jogos sérios, em particular os direcionados à saúde sexual, permitem o aumento do envolvimento e a criação de um ambiente mais interativo (Hussein et al., 2019), possibilitando a aprendizagem através de cenários próximos às vivências da população-alvo e *feedback* informativo (Hieftje et al., 2016). O *FActs!*, na perceção da população do estudo, parece ter cumprido o seu propósito, tendo sido destacado como uma ferramenta potenciadora de conhecimento, sendo possível extrair dele informação fidedigna e objetiva. Ao mesmo tempo, os adolescentes, destacam a sua atratividade e a rutura com a abordagem tradicional à ES, acreditando ser uma ferramenta importante em sala de aula. Simultaneamente, os professores atribuem ao jogo aplicabilidade em sala de aula, contudo, destacam que exige leitura e concentração, o que poderá condicionar o seu caráter lúdico e cativante, pois “*eles são habituados a coisas muito imediatas, muito rápidas.*” (P6). A necessidade de adaptar informações complexas a públicos jovens, como os adolescentes, num ambiente simultaneamente educativo e de entretenimento cria vários desafios à criação de jogos sérios (Andrew et al., 2023), como o identificado pelos pais e professores. Também, apesar da sua objetividade, os professores reconhecem ao *FActs!* a necessidade de mais informação, tendo percecionado que seria “*...apenas uma amostra*” (PR1). Contudo, apesar das limitações encontradas, todos os intervenientes conceptualizaram o *FActs!*, como um instrumento aplicável a outros contextos e como um potenciador da comunicação sobre o assunto.

Assim, torna-se fulcral reformar o currículo da ES, de forma que a educação para a fertilidade esteja contemplada, ao mesmo tempo, é necessário adotar abordagens mais cativantes e diversificadas, de modo a captarem de forma plena os adolescentes e direcionar ações formativas aos pais e professores.

Quanto às limitações do estudo, este contou apenas com mães e com professoras, não tendo existido representatividade do género masculino, o que poderá condicionar a generalização dos resultados. Ademais, nem todos os grupos focais asseguraram a participação mínima de 6 participantes, como foi o caso dos professores, o que limitou a diversidade de percepções retiradas e a sua generalização.

Contudo, em estudos e intervenções futuras, é importante avaliar quantitativamente o nível de literacia dos adolescentes, a usabilidade efetiva do jogo, face às altas taxas de *drop-out* e de mortalidade amostral relatadas em outros estudos (e.g. Jander, 2016), e aumentar a variedade e detalhe dos tópicos em análise (e.g. tratamentos de fertilidade). Ao mesmo tempo, será interessante averiguar se existem diferenças de género acerca das percepções sobre o jogo e sobre a SR. Fará também sentido desenvolver intervenções direcionados aos pais e aos professores, face ao seu papel na educação dos adolescentes e ao seu baixo nível de literacia, o que poderá permitir um maior conforto na sua abordagem.

Através deste estudo, destacaram-se a disponibilidade e interesse dos adolescentes na abordagem à SR, identificando-se as informações que consideram mais relevantes, permitindo o planeamento de abordagens transversais e dinâmicas. Bem como, o entusiasmo dos adolescentes e a satisfação dos pais e dos professores com o *FActs!* abre portas para intervenções onde este tipo de ferramentas possa ser utilizado (e.g. escolas). Também, a identificação das lacunas no *FActs!* dá novos *inputs*, ao desenvolvimento de novos jogos sérios (e.g. perguntas curtas).

Referências

- Abraham C, Wight D. (1996). Developing HIV-preventive behavioural interventions for young people in Scotland. *International Journal of STD & AIDS*, 7(2 suppl), 39-42. <https://doi.org/10.1258/0956462961917762>
- Andrew, L., Barwood, D., Boston, J., Masek, M., Bloomfield, L., & Devine, A. (2023). Serious games for health promotion in adolescents – a systematic scoping review. *Education and Information Technologies*, 28(5), 5519–5550. <https://doi.org/10.1007/s10639-022-11414-9>
- Bay-Cheng, L. Y. (2003). The Trouble of Teen Sex: The construction of adolescent sexuality through school-based sexuality education. *Sex Education*, 3(1), 61–74. <https://doi.org/10.1080/1468181032000052162>
- Boivin, J., Koert, E., Harris, T., O'Shea, L., Perryman, A., Parker, K., & Harrison, C. (2018). An experimental evaluation of the benefits and costs of providing fertility information to adolescents and emerging adults. *Human reproduction*, 33(7), 1247–1253. <https://doi.org/10.1093/humrep/dey107>
- Boivin, J., Sandhu, A., Brian, K., & Harrison, C. J. (2019). Fertility-related knowledge and perceptions of fertility education among adolescents and emerging adults: a qualitative study. *Human Fertility*, 22(4), 291–299. <https://doi.org/10.1080/14647273.2018.1486514>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Bunting, L., & Boivin, J. (2007). Decision-making about seeking medical advice in an internet sample of women trying to get pregnant. *Human reproduction*, 22(6), 1662–1668. <https://doi.org/10.1093/humrep/dem057>

- Bunting, L., & Boivin, J. (2008). Knowledge about infertility risk factors, fertility myths and illusory benefits of healthy habits in young people. *Human reproduction*, 23(8), 1858–1864. <https://doi.org/10.1093/humrep/den168>
- Conceição, C., Pedro, J., & Martins, M. V. (2017). Effectiveness of a video intervention on fertility knowledge among university students: a randomised pre-test/post-test study. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 22(2), 107–113. <https://doi.org/10.1080/13625187.2017.1288903>
- Creswell, J. W. (2013). *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches*. Sage Publications, Inc.
- Daniluk, J. C., & Koert, E. (2015). Fertility awareness online: the efficacy of a fertility education website in increasing knowledge and changing fertility beliefs. *Human reproduction*, 30(2), 353–363. <https://doi.org/10.1093/humrep/deu328>
- Darwesh, A. (2015). Concepts Of Serious Game In Education, 4(12), 15229- 15233. DOI: [10.18535/Ijecs/v4i12.25](https://doi.org/10.18535/Ijecs/v4i12.25)
- DeSmet, A., Shegog, R., Van Ryckeghem, D. M., Crombez, G., & De Bourdeaudhuij, I. (2015). A Systematic Review and Meta-analysis of Interventions for Sexual Health Promotion Involving Serious Digital Games. *Games for Health Journal*, 4(2), 78–90. <https://doi.org/10.1089/g4h.2014.0110>
- DiClemente, R. J., Wingood, G. M., Crosby, R., Sionean, C., Cobb, B. K., Harrington, K., Davies, S., Hook, E. W., 3rd, & Oh, M. K. (2001). Parental monitoring: association with adolescents' risk behaviors. *Pediatrics*, 107(6), 1363–1368. <https://doi.org/10.1542/peds.107.6.1363>
- Dinaj-Koci, V., Deveau, L., Wang, B., Lunn, S., Marshall, S., Li, X., & Stanton, B. (2015). Adolescent Sexual Health Education: Parents Benefit Too!. *Health education &*

- behavior: the official publication of the Society for Public Health Education*, 42(5), 648–653. <https://doi.org/10.1177/1090198114568309>
- Ekstrand, M. L., Grandahl, M., Stern, J., & Mattebo, M. (2018). Important but far away: adolescents' beliefs, awareness and experiences of fertility and preconception health. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 23(4), 265–273. <https://doi.org/10.1080/13625187.2018.1481942>
- Eryilmaz, N., Köşretaş, B., & Ataman, S. A. (2021). Sexual Health Education At Home And At School. *Genel Sağlık Bilimleri Dergisi*, 3(2), 152–159. <https://doi.org/10.51123/jgehes.2021.26>
- Figueiró, M. N. D. (2020). *Educação Sexual no dia a dia*. EDUEL.
- García, D., Vassena, R., Prat, A., & Vernaev, V. (2016). Increasing fertility knowledge and awareness by tailored education: a randomized controlled trial. *Reproductive biomedicine online*, 32(1), 113–120. <https://doi.org/10.1016/j.rbmo.2015.10.008>
- Grupo de Trabalho para a Educação Sexual [GTES]. (2007). *Relatório final*.
- Hussein, H., Zainuddin, Z., Mellecker, R.R., Chu, S.K., & Hu, X. (2019). An iterative process for developing digital gamified sexual health education for adolescent students in low-tech settings. *Information and Learning Sciences*, 120(11/12), 723–422. <https://doi.org/10.1108/ILS-07-2019-0066>
- Jander, A., Crutzen, R., Mercken, L., Candel, M., & De Vries, H. (2016). Effects of a Web-Based Computer-Tailored game to reduce binge drinking among Dutch Adolescents: a cluster randomized controlled trial. *Journal of Medical Internet Research*, 18(2), e29. <https://doi.org/10.2196/jmir.4708>
- Johnson, S. L., Dunleavy, J. E. M., Gemmell, N. J., & Nakagawa, S. (2015). Consistent age-dependent declines in human semen quality: A systematic review and meta-analysis. *Ageing Research Reviews*, 19, 22–33. <https://doi.org/10.1016/j.arr.2014.10.007>

- Kudesia, R., Talib, H. J., & Pollack, S. E. (2017). Fertility Awareness Counseling for Adolescent Girls; Guiding Conception: The Right Time, Right Weight, and Right Way. *Journal of pediatric and adolescent gynecology*, 30(1), 9–17.
<https://doi.org/10.1016/j.jpag.2016.07.004>
- Lampic, C., Svanberg, A. S., Karlström, P., & Tydén, T. (2006). Fertility awareness, intentions concerning childbearing, and attitudes towards parenthood among female and male academics. *Human reproduction*, 21(2), 558–564.
<https://doi.org/10.1093/humrep/dei367>
- Lei n.º 60/2009 da Assembleia da República. (2009). Diário da República: I Série, n.º 105/2009.
<https://dre.pt/dre/detalhe/lei/60-2009-494016>
- Lesta, S., Lazarus, J. V., & Essén, B. (2008). Young Cypriots on sex education: sources and adequacy of information received on sexuality issues. *Sex Education*.
<https://doi.org/10.1080/14681810801981381>
- Littleton, F. (2012). Fertility, the reproductive lifespan and the formal curriculum in England: a case for reassessment. *Sex Education*, 12(5), 483–497.
<https://doi.org/10.1080/14681811.2011.627724>
- Lopes, N., & Oliveira, I. (2013). Videojogos, Serious Games e Simuladores na Educação: usar, criar e modificar. *Educação, Formação & Tecnologias*, 6(1), 04-20.
- Lustria, M. L., Noar, S. M., Cortese, J., Van Stee, S. K., Glueckauf, R. L., & Lee, J. (2013). A meta-analysis of web-delivered tailored health behavior change interventions. *Journal of health communication*, 18(9), 1039–1069.
<https://doi.org/10.1080/10810730.2013.768727>
- Maeda, E., Boivin, J., Toyokawa, S., Murata, K., & Saito, H. (2018). Two-year follow-up of a randomized controlled trial: knowledge and reproductive outcome after online fertility

- education. *Human Reproduction*, 33(11), 2035–2042.
<https://doi.org/10.1093/humrep/dey293>
- Maeda, E., Nakamura, F., Kobayashi, Y., Boivin, J., Sugimori, H., Murata, K., & Saito, H. (2016). Effects of fertility education on knowledge, desires and anxiety among the reproductive-aged population: findings from a randomized controlled trial. *Human reproduction*, 31(9), 2051–2060. <https://doi.org/10.1093/humrep/dew133>
- Maguire, M., & Delahunt, B. (2017). Doing a Thematic Analysis: A Practical, Step-by-Step Guide for Learning and Teaching Scholars. *AISHE-J*, 9(3), 3351.
<https://ojs.aishe.org/index.php/aishe-j/article/view/335>
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*, 15(1), 75-84.
- Marchetti, D., Fraticelli, F., Polcini, F., Fulcheri, M., Mohn, A., & Vitacolonna, E. (2018). A school educational intervention based on a serious game to promote a healthy lifestyle. *Mediterranean Journal of Clinical Psychology*, 6(3). <https://doi.org/10.6092/2282-1619/2018.6.1877>
- Maslowski, K., Biswakarma, R., Reiss, M., & Harper, J. C. (2022). Sex and fertility education in England: an analysis of biology curricula and students' experiences. *Journal of Biological Education*, 1–19. <https://doi.org/10.1080/00219266.2022.2108103>
- Mathews, B. (2022). Adolescent Capacity to Consent to Participate in Research: A Review and Analysis Informed by Law, Human Rights, Ethics, and Developmental Science. *Laws*, 12(1), 2. <https://doi.org/10.3390/laws12010002>
- Matos, M., Reis, M., Ramiro, L., Ribeiro, J. & Leal, I. (2014) Sexual Education in Schools in Portugal: Evaluation of a 3 Years Period. *Creative Education*, 5(15), 1353-1362.
<https://doi.org/10.4236/ce.2014.515154>

- McCarey, C., Viviano, M., & Yaron, M. (2021). FertiSTAT: a potential tool for adolescent sexual health. *Journal of Pediatric & Adolescent Gynecology*, 34(6), 805–810. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2021.04.007>
- Me, K. (2003). A controversial decade: 10 years of tracking debates around sexuality education. *SIECUS Report*, 31(6).
- Meschke, L. L., Bartholomae, S., & Zentall, S. R. (2002). Adolescent sexuality and parent-adolescent processes: promoting healthy teen choices. *The Journal of adolescent health*, 31(6 Suppl), 264–279. [https://doi.org/10.1016/s1054-139x\(02\)00499-8](https://doi.org/10.1016/s1054-139x(02)00499-8).
- Millward, L. J. (2000). Focus groups. In G. M. Breakwell, S. Hammond, & C. Fife-Schaw (Eds.), *Research methods in psychology* (2nd ed., pp. 303–324). Sage Publications Ltd.
- Ministério da Educação. (2000). *A Educação Sexual em Meio Escolar: linhas orientadoras*. Ministério da educação.
- Ministério da Educação (2018). *Biologia. Aprendizagens essenciais: Articulação com o perfil dos alunos*.
- Moos, M. K., Dunlop, A. L., Jack, B. W., Nelson, L., Coonrod, D. V., Long, R., Boggess, K., & Gardiner, P. M. (2008). Healthier women, healthier reproductive outcomes: recommendations for the routine care of all women of reproductive age. *American journal of obstetrics and gynecology*, 199(6 Suppl 2), S280–S289. <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2008.08.060>
- Nargund G. (2015). Why Fertility Education is needed in schools. *Facts, views & vision in ObGyn*, 7(3), 189–191.
- OMS. (2023). *Infertility prevalence estimates 1990-2021*. Sexual and Reproductive Health and Research.
- Pedro, J., Fernandes, J., Barros, A., Xavier, P., Almeida, V., Costa, M. E., Schmidt, L., & Martins, M. V. (2022). Effectiveness of a video-based education on fertility awareness:

- a randomized controlled trial with partnered women. *Human fertility*, 25(3), 522–533.
<https://doi.org/10.1080/14647273.2020.1854482>
- Petraglia, F., Serour, G. I., & Chapron, C. (2013). The changing prevalence of infertility. *International Journal of Gynecology & Obstetrics*, 123, S4–S8.
<https://doi.org/10.1016/j.ijgo.2013.09.005>
- Pordata. (2022). Indivíduos com 16 e mais anos que utilizam computador e Internet em % do total de indivíduos: por grupo etário.
<https://www.pordata.pt/portugal/individuos+com+16+e+mais+anos+que+utilizam+computador+e+internet+em+percentagem+do+total+de+individuos+por+grupo+etario-1139>
- Pordata. (2023). Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho.
<https://www.pordata.pt/portugal/idade+media+da+mae+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>
- Prinstein, M. J., Nesi, J., & Telzer, E. H. (2020). Commentary: An updated agenda for the study of digital media use and adolescent development – future directions following Odgers & Jensen (2020). *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 61(3), 349–352. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13219>
- Ragnar, M. E., Grandahl, M., Stern, J., & Mattebo, M. (2018). Important but far away: adolescents’ beliefs, awareness and experiences of fertility and preconception health. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 23(4), 265–273.
<https://doi.org/10.1080/13625187.2018.1481942>
- Ramiro, L. (2013). *A educação sexual na mudança de conhecimentos, atitudes e comportamentos sexuais dos adolescentes*. [Doctoral Dissertation, Universidade Técnica de Lisboa]. Repositório da Universidade Técnica de Lisboa.

- Ramiro, L., & Matos, M. G. (2008). Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Revista De Saúde Publica*, 42(4). <https://doi.org/10.1590/s0034-89102008000400015>
- Reis, M. & Matos, G. M. (2009). Comportamentos Sexuais e Influência dos diferentes Agentes de Socialização na Educação Sexual dos Jovens. *Sexualidade e Planeamento Familiar*, 22 - 28. Associação para o Planeamento Familiar.
- Rocha, A.C. & Duarte, C. (2016). Impacto das Políticas Públicas na Promoção da Educação Sexual: o Caso Português. *Global Journal of Community Psychology Practice*, 7(1S), 1-22
- Rocha, A.C. (2015). *Educação sexual no contexto escolar português: caraterização, facilitadores e barreiras à sua implementação*. [Doctoral Dissertation, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/104145>
- Serrão, C., & Barbosa, M. A. (2006). *Questionário de opiniões sobre Educação Sexual. Resultados obtidos junto de uma amostra de professores*. In C. Machado, L. Almeida, A. Guisande, M. Gonçalves, & I. Ramalho (Eds.), *Actas da XI Conferência Internacional, Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (pp. 621-631). Psiquilíbrios Edições
- Shtarkshall, R. A., Santelli, J. S., & Hirsch, J. S. (2007). Sex Education and Sexual Socialization: Roles for Educators and Parents. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 39(2), 116–119. <https://doi.org/10.1363/3911607>
- Skoog Svanberg, A., Lampic, C., Karlström, P. O., & Tydén, T. (2006). Attitudes toward parenthood and awareness of fertility among postgraduate students in Sweden. *Gender medicine*, 3(3), 187–195. [https://doi.org/10.1016/s1550-8579\(06\)80207-x](https://doi.org/10.1016/s1550-8579(06)80207-x)

- Stern, J., Larsson, M., Kristiansson, P., & Tydén, T. (2013). Introducing reproductive life plan-based information in contraceptive counselling: an RCT. *Human reproduction*, 28(9), 2450–2461. <https://doi.org/10.1093/humrep/det279>
- Stretcher, V., & Rosenstock I.M. (1997). The Health Belief Model. In Glanz K., Lewis F.M., & Rimer B.K., (Eds.). *Health Behavior and Health Education: Theory, Research and Practice*. Jossey-Bass.
- Susi, T., Johannesson, M., & Backlund, P. (2007). Serious games - An overview. *School of Humanities and Informatics*.
- Tavares, G. M. (2015). *Sexualidade na adolescência*. [Master Dissertation, Instituto Politécnico de Portalegre]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/15002>
- Unemo, M., Bradshaw, C. S., Hocking, J. S., de Vries, H. J. C., Francis, S. C., Mabey, D., Marrazzo, J. M., Sonder, G. J. B., Schwebke, J. R., Hoornenborg, E., Peeling, R. W., Philip, S. S., Low, N., & Fairley, C. K. (2017). Sexually transmitted infections: challenges ahead. *The Lancet. Infectious diseases*, 17(8), e235–e279. [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(17\)30310-9](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(17)30310-9)
- UNESCO (2010). Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde. *UNESCO*, 2.
- Vieira, H. (2021). *A perspectiva dos pais sobre a educação sexual dos filhos: uma revisão sistemática da literatura*. [Master Dissertation, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/134913>
- Vilar, D. & Ferreira, M. P. (2008). *Educação sexual dos jovens portugueses: Conhecimentos e fontes. Comunicação apresentada no Seminário de Educação Sexual: estudos, contextos, recursos, experiências*. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

- Wattanasoontorn, V., Boada, I., García, R. V., & Sbert, M. (2013). Serious games for health. *Entertainment Computing*, 4(4), 231–247. <https://doi.org/10.1016/j.entcom.2013.09.002>
- Wilkinson, S. (2016). Analysing focus group data. In D. Silverman (Ed.), *Qualitative research: Theory, method and practice* (4th edition., pp. 83–100). Sage.
- Wojcieszek, A. M., & Thompson, R. (2013). Conceiving of change: a brief intervention increases young adults' knowledge of fertility and the effectiveness of in vitro fertilization. *Fertility and Sterility*, 100(2), 523–529. <https://doi.org/10.1016/j.fertnstert.2013.03.050>
- Zegers-Hochschild, F., Adamson, G. D., Dyer, S., Racowsky, C., de Mouzon, J., Sokol, R., Rienzi, L., Sunde, A., Schmidt, L., Cooke, I. D., Simpson, J. L., & van der Poel, S. (2017). The International Glossary on Infertility and Fertility Care. *Fertility and sterility*, 108(3), 393–406. <https://doi.org/10.1016/j.fertnstert.2017.06.005>

Anexos

Anexo A

Adolescentes

- Como foi a vossa experiência com o jogo?
 - Qual foi o vosso primeiro pensamento quando este jogo vos foi apresentado?
 - Qual o cenário/história que mais gostaram?
 - O que mudariam?
 - Se se cruzassem com este jogo na internet voltariam a jogá-lo?
 - Recomendariam este jogo aos vossos amigos ou primos?
- Na escola, esta temática alguma vez foi abordada?
- Sentem que este jogo vos ajudou a retirar conhecimento à cerca da fertilidade?
 - O que destacaram ou foi mais surpreendente?
 - (abordar taxas de sucesso tratamentos, ex., “o que pensaram acerca das taxas de sucesso de tratamentos apresentadas”)
- Sentem que este jogo poderá ter alguma influência no vosso futuro e tomadas de decisão?
- O que pensam agora acerca da infertilidade?

Pais/tutores legais:

- Como foi a vossa experiência com o jogo?
 - Qual o cenário/história que mais gostaram mais gostaram ou acharam mais útil?
 - O que mudariam?
 - Recomendariam este jogo aos filhos dos vossos amigos ou familiares?
- Que utilidade pode ter este jogo para os vossos filhos?
 - Que temas consideram mais relevantes e menos relevantes? (e.g. fatores de risco; taxas de fertilidade e de infertilidade; tratamentos)?
- Já alguma vez foi abordada esta temática com os vossos filhos? De que forma?
 - Quais são os maiores desafios e preocupações na abordagem a esta temática?
- De que forma o jogo pode facilitar ou impedir a comunicação em casa?
- O que pensam relativamente à fertilidade e à tomada de decisão futura dos vossos filhos?

Professores:

- Como foi a vossa experiência com o jogo?
 - Qual o cenário/história que mais gostaram ou acharam mais útil para os alunos?
 - O que mudariam?
 - Recomendariam este jogo à vossa escola ou colegas?
- Que utilidade pode ter este jogo para os vossos alunos?
 - Que temas consideram mais relevantes e menos relevantes? (e.g. fatores de risco; taxas de fertilidade e de infertilidade; tratamentos)?
- Já alguma vez foi abordada esta temática na escola? De que forma?
- Quais são os maiores desafios e preocupações na abordagem a esta temática?
- Acreditam que a educação para a fertilidade deveria estar assente no currículo da educação sexual?
- De que forma o jogo pode facilitar ou impedir a comunicação na escola?
- O que pensam relativamente à fertilidade e à tomada de decisão futura dos adolescentes?



COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER (Ref.º 2023/06-04b)

A Comissão de Ética (CE) da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo reapreciado os documentos do projeto de investigação denominado «**Promoção de literacia reprodutiva através de um jogo sério: percepções de adolescentes, pais e professores**», submetidos para apreciação ética pela mestrandia **Luísa Pereira**, e com orientação da **Prof.ª Doutora Mariana Veloso Martins**, emite um **parecer favorável** à continuação da pesquisa.

Parecer favorável

A CE é favorável à realização do projeto tal como apresentado.

FPCEUP, 03 de outubro de 2023

A Presidente da CdE,

Prof.ª Doutora Carlinda Leite

INFORMAÇÃO SOBRE O ESTUDO E CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

Qual é o objetivo deste estudo? Este estudo visa conhecer as perceções acerca da utilização de um jogo de literacia em fertilidade.

Em que consiste o estudo? Este estudo é composto por duas fases:

- 1) Ser-lhe-á pedido que participe num jogo online, com uma duração média de 10 minutos
- 2) Ser-lhe-ão pedidas opiniões **o mais espontâneas possível** e que reflitam **aquilo que está a pensar neste momento**, e não aquilo que gostaria de pensar ou que imagina que os outros pensam de si.

Quem pode participar? Serão estabelecidos três grupos diferentes: Adolescentes entre os 15 e os 18 anos, Professores do Ensino Secundário, e mães/pais/cuidadores de adolescentes entre os 15 e os 18 anos.

Quais os riscos da minha participação? De entre os riscos em participar desta investigação está a possibilidade de sentir constrangimentos de qualquer natureza, quer pelo relato das suas experiências ou dos outros. Não obstante, mesmo que aceite participar, tem o direito de recusar-se a responder e abandonar a sessão, ou recusar a participação e retirar o consentimento sem qualquer penalização ou prejuízo, não sendo necessário esclarecer as razões para tal decisão.

Quais os benefícios da minha participação? Os possíveis benefícios da participação incluem um efeito positivo do *self-disclosure* (partilha de informação acerca de si com o outro), o efeito de partilha de experiências semelhantes às dos pares, e a aquisição de perspetivas novas ou diferentes de outras pessoas na mesma situação.

As minhas respostas são confidenciais? Sim. A sessão irá ser gravada e transcrita verbatim, para posterior análise. Os dados pessoais serão modificados e anonimizados e toda a entrevista será confidencial. Os dados serão apenas utilizados para fins de investigação e serão tratados em conjunto.

Quem está a realizar este estudo? Este estudo insere-se num projeto de dissertação de Mestrado em Psicologia intitulada *Promoção de Literacia Reprodutiva através de um Jogo Sério: perceções de adolescentes, pais e professores*, da Universidade do Porto.

Por favor, confirme os seguintes pontos:

• Entendo a natureza confidencial da discussão em grupo focal e respeitarei a mesma, não partilhando os dados identificativos de outros participantes após o término da sessão ☐

• Aceito participar no estudo ☐

Quaisquer dúvidas que possam surgir deste documento poderão ser esclarecidas junto das investigadoras responsáveis, através do e-mail up201905897@edu.fpce.up.pt.

Se pretender ser informado acerca dos resultados do presente estudo, por favor escreva o seu contato:

Data: _____

Assinatura: _____

Agradecemos desde já a atenção dispensada!

Anexo D

Figura 1

Adolescentes: Temas, Categorias e Subcategorias

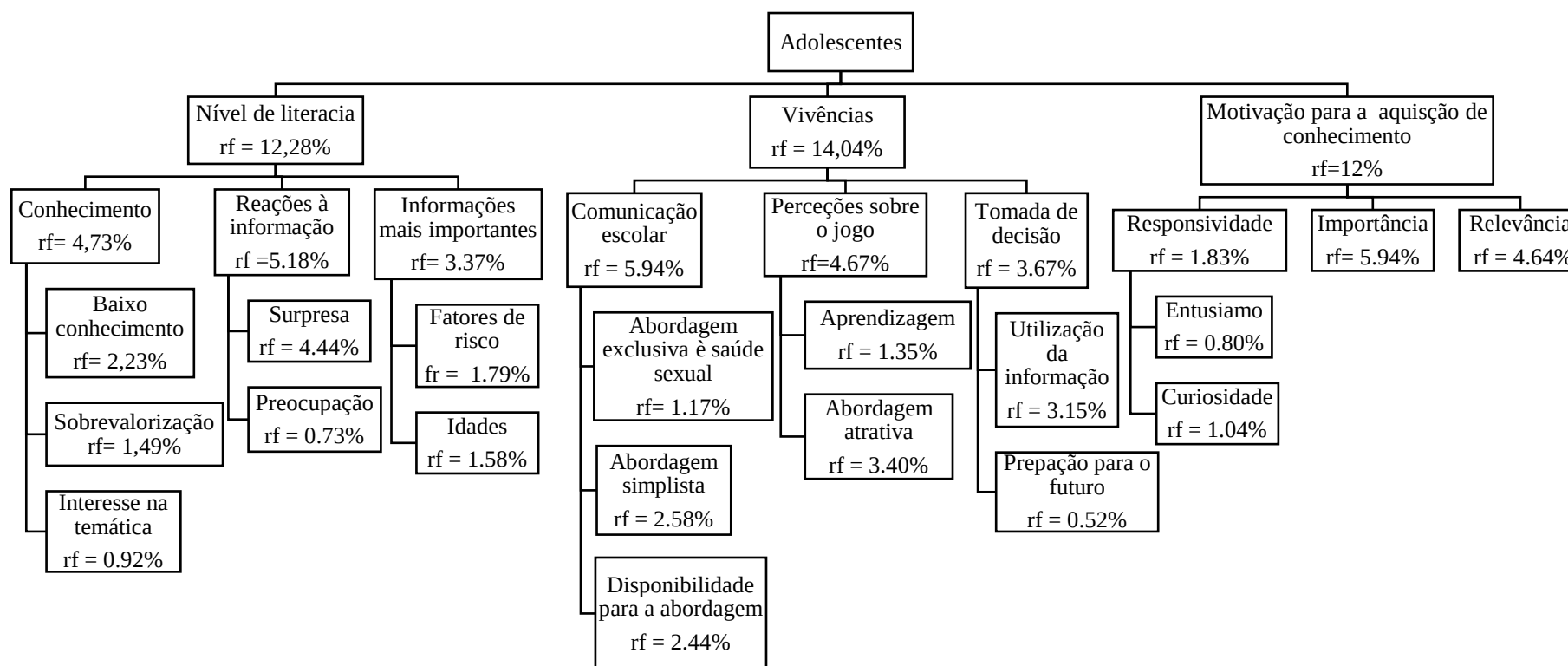


Figura 2

Pais: Temas, categorias e subcategorias

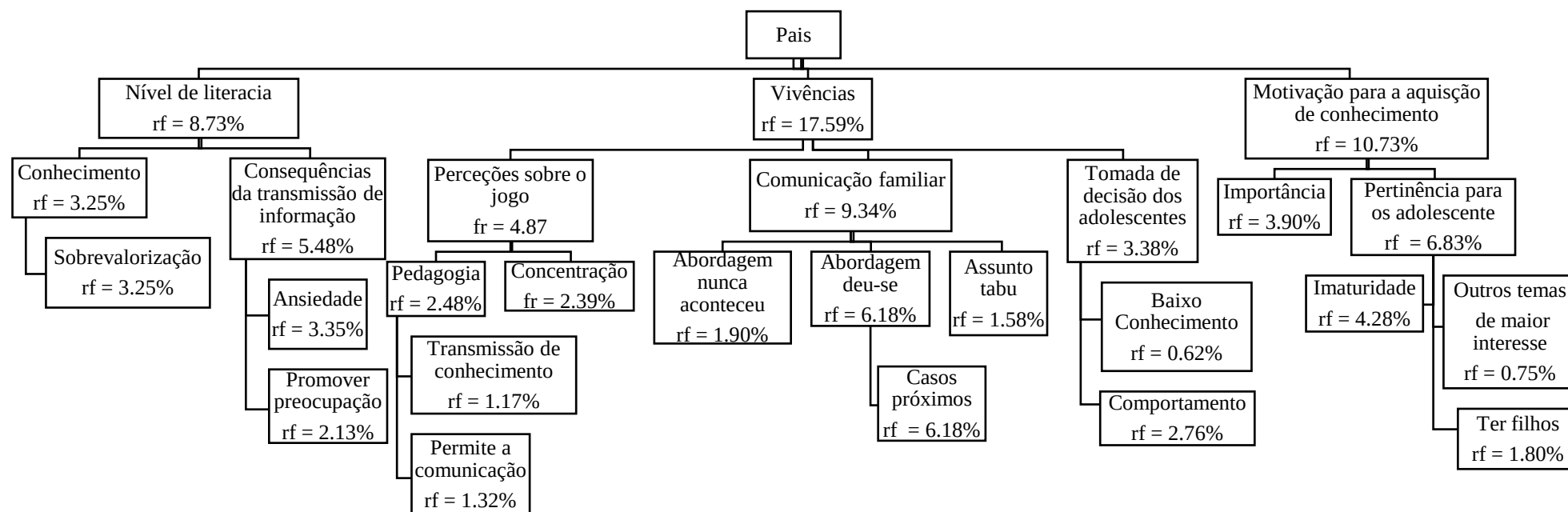


Figura 3

Professores: Temas, categorias e subcategorias

